

A COMPANHIA TEATRAL DE FRANCISCO FRUCTUOSO DIAS NA PROVÍNCIA DE SÃO PEDRO DO RIO GRANDE DO SUL (1845-1847)

THE THEATRE COMPANY OF FRANCISCO FRUCTUOSO DIAS IN THE PROVINCE OF SÃO PEDRO DO RIO GRANDE DO SUL (1845-1847)

José Augusto Souza e Silva Bianchini¹

RESUMO

Este artigo trata da trajetória da companhia teatral de Francisco Fructuoso Dias pelos palcos do Rio Grande do Sul no século XIX. Ator e ensaiador português, Fructuoso Dias teve papel de destaque na restauração do Teatro Português ocorrida no final dos anos de 1830. Em 1843, partiu para o Rio de Janeiro, onde foi contratado para atuar no principal palco da corte brasileira. Com o término do seu contrato no ano seguinte, Fructuoso Dias montou sua própria companhia com artistas portugueses e brasileiros, partindo para a província de São Pedro do Rio Grande do Sul logo após o término da Revolução Farroupilha (1835-1845). Para além das representações na corte, este trabalho se detém na produção da companhia teatral de Fructuoso Dias nas cidades de Rio Grande e Porto Alegre no período entre 1845 e 1847, buscando demonstrar sua contribuição para a cena teatral sul-rio-grandense oitocentista.

Palavras-chave: Teatro Brasileiro. Rio Grande do Sul. Francisco Fructuoso Dias.

ABSTRACT

This paper looks at the trajectory of Francisco Fructuoso Dias' Theatre Company through the stages of Rio Grande do Sul in the 19th century. Fructuoso Dias, a Portuguese actor and regisseur, played an important role in the regeneration of Portuguese Theatre in the late 1830s. In 1843, he was hired by the main Brazilian Theatre Company in Rio de Janeiro. At the end of his contract, Fructuoso Dias set up his own company formed by Portuguese and Brazilian artists, who left for the province of São Pedro do Rio Grande do Sul shortly after the end of the Farroupilha Revolution (1835-1845). The article focuses on the company's production in the cities of Rio Grande and Porto Alegre between 1845 and 1847, to demonstrate the importance of Francisco Fructuoso Dias' Company to the 19th century theatre scene in Rio Grande do Sul.

Keywords: Brazilian Theatre. Rio Grande do Sul. Francisco Fructuoso Dias.

¹ Possui graduação em Administração Pública pela UNESP e formação complementar em Patrimônio, Memória e Gestão Cultural. É aluno do Mestrado Acadêmico em Artes Cênicas da ECA/USP, com pesquisa em História do Teatro Brasileiro. Na Administração Pública, atua como Analista de Políticas Públicas e Gestão Governamental da Prefeitura Municipal de São Paulo.

INTRODUÇÃO

No Teatro da Rua dos Condes, em Lisboa, a 20 de maio de 1843, subiu à cena o drama *Ramo de carvalho*², em benefício³ de Francisco Frutuoso Dias, que partia em temporada ao Rio de Janeiro enquanto não se concluíam as obras do Teatro Nacional D. Maria II⁴ (DESPEDIDA..., 1843, p. 438). Ator e ensaiador⁵ português, Francisco Frutuoso Dias teve papel de destaque na regeneração teatral ocorrida na esteira das reformas promovidas a partir de 1836 por Almeida Garrett, responsável por organizar o Teatro Nacional Português. Nessa época, a decadência em que se encontrava o Teatro Português era amenizada pelas companhias francesas em turnê, cujas representações de peças da escola moderna serviam de modelo aos artistas locais (FERREIRA, 2019). Dos artistas franceses, Émile Doux⁶ foi o que mais se destacou em Portugal, assumindo a direção e a função de ensaiador da Companhia do Teatro da Rua dos Condes, principal palco dramático lisboeta. Frutuoso Dias, que atuava junto ao ensaiador francês, foi convidado a assumir a direção de cena de uma nova companhia que estava sendo organizada no Teatro do Salitre, também em Lisboa (PEREIRA, 1891). Durante o ano de 1838, as companhias de Émile Doux e de Francisco Frutuoso Dias travaram batalha pela atenção do público e pelo direito ao subsídio governamental destinado ao teatro nacional (PEREIRA, 1891). A rivalidade entre os grupos teatrais tomou tal proporção que foi encampada pelos jornais locais, com destaque para a disputa entre *O Desenjoativo Teatral*, favorável à companhia do Salitre, e o *Atalaia*, defensor do Teatro da Rua dos Condes (PEREIRA, 1891; MARTINS, 2019). A concorrência entre as companhias foi vista como propulsora do desenvolvimento da cena portuguesa, com aprimoramentos ocorrendo em ambos os lados (PEREIRA, 1891). No fim de 1838, o subsídio foi concedido ao teatro de Émile Doux, o que possivelmente motivou Frutuoso Dias a abandonar seu posto à frente do Salitre. Contratado como ator na companhia do Teatro da Rua dos Condes a partir de 1840, com Émile Doux na função de ensaiador, Frutuoso

2 Tradução de *La branche de chêne*, drama em cinco atos de Charles Desnoyer e Charles Lafont.

3 Espetáculo em benefício era o espetáculo cuja arrecadação se revertia a um artista ou a uma causa beneficente, sendo costumeiro o seu oferecimento ao longo do século XIX.

4 O teatro foi inaugurado oficialmente em 13 de abril de 1846 com a representação do drama *Álvaro Gonçalves, o Magriço e os doze da Inglaterra*, de Jacinto Heliodoro de Faria Aguiar de Loureiro.

5 recursor do diretor teatral moderno, o ensaiador era responsável por operacionalizar o espetáculo, dispondo objetos e realizando a marcação dos papéis de cada um dos artistas em cena (FRAGA, 2009, p. 137-138).

6 Émile Doux veio para o Brasil em 1851 e foi o responsável por introduzir a escola realista nos palcos da corte (AZEVEDO, 2015, p. 7-8).

Dias permaneceu no elenco até maio de 1843, momento em que se afastou da cena portuguesa e embarcou com destino ao Brasil, onde atuou no principal palco da cidade do Rio de Janeiro e nos principais teatros da província de São Pedro do Rio Grande do Sul, para onde seguiu com sua companhia teatral composta de artistas portugueses e brasileiros. É principalmente na passagem da companhia de Francisco Frutuoso Dias pelos palcos sul-rio-grandenses que este artigo se debruça.

1 A CHEGADA DE FRANCISCO FRUCTUOSO DIAS AO RIO DE JANEIRO

No dia 21 de julho de 1843, depois de 47 dias a bordo do brigue dinamarquês *Eleonor Sophie*, Francisco Frutuoso Dias desembarcou em solo brasileiro, no porto do Rio de Janeiro, contratado por José Antonio Thomaz Romeiro, inspetor dramático do Teatro de São Pedro de Alcântara, para integrar a companhia desse que era o principal palco da corte (DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, 22 jul. 1843, p. 4). A cena teatral da capital do Império era composta ainda pela companhia dramática francesa, que representava no Teatro de São Januário, e pela companhia de João Caetano dos Santos, que ocupava os teatros de São Francisco e de Santa Theresa, esse último em Niterói.

Foi com o drama *Hariadan Barba Roxa*⁷ que Frutuoso Dias fez seu *debut* no São Pedro, em 13 de agosto do mesmo ano. Ao fim do drama, Margarida Lemos e Carlos Ricco cantaram árias de Donizetti e Bellini, encerrando-se o espetáculo com a peça *Um baile em grande tom* (JORNAL DO COMMERCIO, 12 ago. 1843, p. 4). Frutuoso Dias permaneceu escriturado na companhia do São Pedro por um ano. Nesse período, a companhia dramática, que dividia o espaço cênico com a companhia lírica italiana, representou obras portuguesas, como é o caso de *O alfageme de Santarém*, drama histórico de Almeida Garrett, e *Affonso III*, drama de Henrique Guilherme de Sousa, e traduções de peças francesas, como *O ramo de carvalho*, de Desnoyer e Lafont. Bailados, duetos e farsas completavam os espetáculos teatrais. Em 17 de outubro, subiu à cena a peça *A leitora*⁸, com Frutuoso no papel do capitão cego Cobridge. No *Diário do Rio de Janeiro*, uma crítica anônima avaliou o desempenho do ator:

7 *Hariadan Barberousse*, drama em três atos de Lamarque de Saint-Victor e Jean-Baptiste Corse, publicado em 1809 e traduzido livremente por Luis José Baiardo em 1839.

8 Tradução de *La Lectrice, ou Une folie de jeune homme*, comédia vaudeville em dois atos de Jean-Françoise-Alfred Bayard, publicada em 1834.

Já que falamos no Ramo de Carvalho; duas palavras também sobre a boa execução do drama a Leitora; que ultimamente foi à cena. Conhecemos que o Sr. Francisco Fructuoso Dias é ator, e ator de mérito, e provou-o neste drama, desempenhando o difícil papel de cego, no qual representou com tanta arte e natureza, que ousamos dizê-lo, sensibilizou-nos. Recomendamos contudo ao Sr. Dias, que atenda mais à extensão da sala, para que começando as suas falas em tom mais alto, sejam claramente ouvidas as desinências das mesmas, o que até agora quase nunca tem sucedido. (DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, 27 out. 1843, p. 2)

Chegando ao término o contrato de Fructuoso Dias com a companhia do São Pedro de Alcântara, realizou-se um benefício em prol do primeiro ator, com a representação do drama português *O remexido guerrilheiro do Algarve*, de Ignacio Maria Feijó. No *Diário do Rio de Janeiro*, correspondência assinada pelo pseudônimo *Caixa de Rufo* exaltou o ator português, recomendando que o inspetor dramático renovasse o seu contrato e destacando que “[...] os portugueses lhe fizeram justiça ao seu mérito, e a sua soberana muito o distinguiu, fazendo-o cavaleiro da ordem de Cristo, membro do júri dramático, e sócio do conservatório real de Lisboa.” (DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, 23 jul. 1844, p. 1).

Findo o contrato, Fructuoso Dias organizou uma companhia composta de artistas egressos do São Pedro para representações às quartas-feiras e aos domingos no Teatro de São Francisco, palco no qual também se apresentava a companhia dramática de João Caetano dos Santos. Em 22 de setembro de 1844, ocorreu a primeira récita da nova companhia, com o drama *O doido ou o reconhecimento*, de Rodrigo Felner, e a comédia *A volta inesperada*, de Antonio Feliciano de Castilho (DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, 19 set. 1844, p. 2). No entanto, a companhia teve uma vida curta nos palcos da corte.

Em janeiro de 1845, a companhia de Fructuoso Dias fez suas últimas apresentações no Rio de Janeiro, em benefício de seus artistas. Foram à cena as peças *Hariadan Barba Roxa*, *A leitora* e *D. Pedro I em Santarém*. Em menos de seis meses do início das representações no São Francisco, a companhia de Fructuoso Dias abandonava o Rio de Janeiro e seguia para o sul do país, com atores egressos das principais companhias dramáticas da corte. No seu lugar ficou a companhia francesa, que até dezembro de 1844 se apresentava no Teatro de São Januário e que passou a ocupar o palco do São Francisco.

2 A COMPANHIA DE FRUCTUOSO DIAS NA PROVÍNCIA DE SÃO PEDRO DO RIO GRANDE DO SUL

Em 20 de março de 1845, foi anunciado no *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro o fim da Revolução Farroupilha⁹, com a publicação da correspondência do Barão de Caxias, incluída às pressas no prelo a uma hora da manhã (JORNAL DO COMMERCIO, 20 mar. 1845, p. 4). No mesmo dia 20, Francisco Frutuoso Dias partiu para a cidade de Rio Grande a bordo do *Paquete do Rio Grande*, acompanhado dos artistas Antonio José Areas, Bernardino de Senna Dias Loureiro, Candido Augusto de Mello, João Thomaz Siroulo, Joaquim Augusto Ribeiro de Souza, José Duarte da Rocha, José Luiz de Azevedo, Manoel José Pinto, Maria Amalia da Silva e Theresa Elisa de Oliveira (JORNAL DO COMMERCIO, 21 mar. 1845, p. 4). Lothar Hessel, em *O teatro no Rio Grande do Sul*, informa que o Rio Grande não teve suas atividades dramáticas interrompidas durante a revolução, pois foi das poucas cidades não ocupadas pelos revoltosos (HESSEL, 1999, p. 65). Contudo, pouco se sabe dos primeiros meses da companhia de Frutuoso Dias nessa cidade.

As primeiras notícias que se tem da companhia dramática são do final de 1845 e estão relacionadas à visita imperial ocorrida naquele ano. Em 11 de novembro de 1845, desembarcaram na Vila de São José do Norte suas majestades imperiais D. Pedro II e D. Theresa Cristina para uma visita à província de São Pedro do Rio Grande do Sul. No dia seguinte ao desembarque, a comitiva imperial seguiu para a cidade vizinha do Rio Grande. Ezio Bittencourt, a partir do relato da imprensa local, ilustra o que foi a visita imperial na cidade:

O jornal O Rio-Grandense relata que em 12 de novembro de 1845, às oito horas da noite, “o Imperador e toda a sua comitiva saem do Paço e entre alas com mais de trinta mil luzes [velas e lampiões] dirigem-se ao Teatro 7 de Setembro”, onde a companhia dramática de Frutuoso Dias encenava a peça *Almançor* ou *O Último Rei do Algarve*, de Serpa Pimentel. Os soberanos retornaram ao teatro nas noites de 14 e 16 do mesmo mês, assistindo, na primeira, as representações *Um Erro* ou *Os Remorsos* e *A Carta de Recomendação* ou *Um Por Outro*, e na segunda, o grande drama em sete atos *Os Dois Renegados*. (BITTENCOURT, 1996, p. 127)

⁹ A revolução foi declarada encerrada no dia 1º de março de 1845, contudo as correspondências dando conta do feito só chegaram na corte no dia 20 de março.

O Teatro Sete de Setembro, em que ocorreram as representações, foi inaugurado na cidade do Rio Grande em 7 de setembro de 1832. As peças ali encenadas pela companhia de Fructuoso Dias (Quadro 1) faziam parte do mesmo repertório apresentado pela companhia na corte. No *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, foram publicadas as cartas do correspondente que acompanhou a viagem imperial ao Rio Grande do Sul, nas quais é possível identificar o comparecimento de suas majestades imperiais ao teatro:

Pela segunda vez assistiram, na noite do dia 15, ao espetáculo que teve lugar no teatro; e a população desta cidade, sempre ansiosa de gozar da presença dos soberanos, apinhou-se nas ruas por onde tinham de passar SS. MM., acompanhando-os em longa procissão até a porta do teatro. Desta, como da primeira vez que SS. MM. ali foram, já de véspera estavam tomados todos os bilhetes; e a companhia teve mesmo a mui honrosa lembrança de vender talvez o duplo de bilhetes de entrada para cadeiras e gerais! Tiveram bons mestres estes meninos. (JORNAL DO COMMERCIO, 8 dez. 1845, p. 1)

O mesmo correspondente noticiou que no dia 19 de novembro os imperadores compareceram mais uma vez ao teatro, onde assistiram o drama *Os últimos três dias de um sentenciado* (JORNAL DO COMMERCIO, 8 dez. 1845, p. 3). Na manhã do dia seguinte, a comitiva imperial seguiu para Porto Alegre. A companhia dramática, não se sabe se por solicitação do imperador ou por deliberação própria, seguiu o mesmo destino, dando seu primeiro espetáculo na capital da província em 3 de dezembro, no Teatro D. Pedro II, conhecido à época como “Teatrinho da Rua de Bragança”:

A companhia dramática, dirigida por F. Dias, mandada vir do Rio Grande, deu ontem o primeiro espetáculo no teatrinho, ao qual assistiram SS. MM.; dará hoje e amanhã os segundo e terceiro; e diz-se que o violonista Robio dará concertos. O teatro será d’ora em diante o *rendez-vous* dos ociosos que se ocupavam em percorrer iluminações. (JORNAL DO COMMERCIO, 29 dez. 1845, p. 1)

Sendo o teatro o espaço privilegiado de sociabilidade nesses tempos, não é de se estranhar que a partida da companhia dramática tenha deixado um rastro de insatisfação entre os moradores do Rio Grande. Uma correspondência publicada no jornal *A voz da verdade*, em dezembro de 1845, de autoria do pseudônimo *Um assinante*, teceu duras críticas à companhia, que partiu sem concluir as récitas vendidas:

Em verdade, Sr. Redator, ela é péssima em tudo e por tudo: péssima na escolha dos dramas, péssima na distribuição dos papéis, péssima na designação do vestuário, e ainda mais péssima porque dela provém o não cumprimento das obrigações a que a companhia está para com os assinantes, que tão benignamente de sua parte tem cumprido com seu contrato. (A VOZ DA VERDADE, 19 dez. 1845, p. 1)

Na sequência, o autor tratou da representação da peça *O pobre pastor*¹⁰ e do fraco desempenho do ator Candido Augusto de Mello. As críticas se acentuam e se direcionam ao empresário Francisco Frutuoso Dias, e aos demais artistas da companhia:

Ora, se o Sr. Empresário se persuade que o Rio Grande é uma roça, onde sempre se representa bem, e tudo vai bem, está muito enganado; pois os Rio Grandenses também sabem o que é teatro, sabem mui bem diferenciar os belos dramas dos maus, avaliando a moral deste ou daquele; sabem combinar o caráter, e vestuário de qualquer ator, assim como também sabem pontuar o transporte do Sr. Dias, quando do forte passa ao terno, só lhe ouve e só lhe percebe o ponto; porque no forte fala muito apressado, e no terno muito baixo, de maneira que deixa os espectadores em jejum; que o Sr. Senna nunca sabe o seu papel; que o Sr. Areas tem muitos requebrados menos decente [sic] na cena; que o Sr. Joaquim Augusto também tem o seu defeitozinho em pisar a periquito; que a Sra. D. Luiza quando não sabe o seu papel, sabe mui bem disfarçar gaguejando, e sacudindo a cabeça; que a Sra. D. Amalia entrecorta todas as orações de suas falas, que o Sr. Siroulo arregala muito os olhos; que o Sr. Pinto, o Sr. Caqueirada, D. Anna e D. Theresa também alguns defeitos têm, que guardaremos para outra ocasião; quanto ao Sr. Pinheiro, e Nunes, esses nem merecem que neles se fale. (A VOZ DA VERDADE, 19 dez. 1845, p. 2)

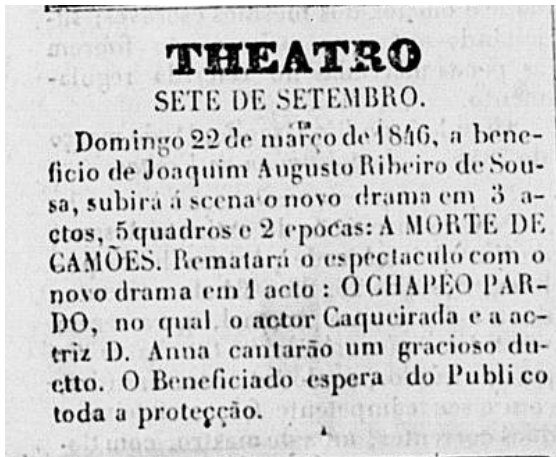
Na mesma edição, uma correspondência assinada pelo pseudônimo *O vigia* reforçou a insatisfação dos assinantes das récitas com as péssimas representações de dramas desfigurados pelo Sr. Dias e denunciou a ausência do empresário após embolsar futuros vencimentos (A VOZ DA VERDADE, 19 dez. 1845, p. 2-3). Tudo leva a crer que os críticos se ressentiam do abandono da companhia, que preferiu acompanhar a comitiva imperial

¹⁰ Tradução de *Le Pauvre Berger*, melodrama histórico em três atos, de Daubigny, Carmouche e Hyacinthe, publicado em 1823.

à capital da província. Por mais precária que fosse a companhia, deve-se lembrar que à sua frente estava um ensaiador com passagem pelos palcos portugueses e fluminenses, e no seu elenco artistas egressos das principais companhias da corte. A própria frequência da família imperial às representações dadas em Rio Grande e em Porto Alegre – e não foram poucas as vezes em que estiveram no teatro – leva a crer que os autores anônimos se excederam em suas críticas.

Após percorrer vilas e estâncias da província de São Pedro do Rio Grande do Sul, D. Pedro II terminou sua viagem em Pelotas, onde permaneceu de 1º a 10 de fevereiro de 1846 (SANTOS, 2012, p. 21). Sabe-se que o imperador visitou o Teatro Sete de Abril¹¹, inaugurado em 2 de dezembro de 1833, mas não é possível precisar que tenha sido a companhia de Fructuoso Dias a responsável pelos espetáculos. Pouco tempo depois, porém, o grupo teatral estava de volta à cidade do Rio Grande. Em 22 de março de 1846, subiu à cena no Sete de Setembro, em benefício do ator Joaquim Augusto Ribeiro de Souza, o drama *A morte de Camões*, de Luiz Antonio Burgain, seguido da farsa *O chapéu pardo*, com dueto dos artistas Caqueirada e D. Anna (O RIO-GRANDENSE, 21 mar. 1846, p. 4).

Imagem 1 – Anúncio de *A morte de Camões* no Teatro Sete de Setembro, em Rio Grande



Fonte: O Rio-Grandense, 21 mar. 1846, p. 4.

¹¹ Localizado na praça Coronel Pedro Osório, em Pelotas, o Teatro Sete de Abril é o mais antigo teatro existente no estado do Rio Grande do Sul e encontra-se em fase final de restauro.

O próximo registro da atuação da companhia é de 21 de novembro, data da estreia de *Os jesuítas ou O bastardo do rei*¹², drama de José Manoel Rego Vianna. A representação dessa obra sinaliza uma inflexão no repertório da companhia, ao incorporar a produção de um literato local ao catálogo de dramas portugueses e de peças traduzidas do francês. Ao publicá-lo dois anos depois, em 1848, o autor atribui a Frutuoso Dias o apoio na produção da obra:

Animado então por um amigo a quem a longa prática do teatro deu sobejo conhecimento da cena¹³, tivemos de dar à luz este ensaio dramático num noviciado de belas letras, expondo aos olhos do público sensato um acabamento que as nossas ideias ditaram e a pena temerosamente gravou. (VIANNA, 1848, n.p.)

Na apresentação de sua obra, Rego Vianna dá uma ideia do que foi a primeira representação, realizada no Sete de Setembro:

Foi representado o presente drama em um sábado 21 de novembro do ano de 1846; o público o esperava com ansiedade para essas censuras que comumente vogam, principalmente em objetos tais em que a mordacidade costuma muitas vezes ferir com viperino dente. O público, como disse, incerto do seu merecimento, formava um juízo a erro, esperando com avidez vê-lo na cena para a respeito dar a sua opinião. Rompe a orquestra os seus afinados sons, e eu, com o coração trêmulo, esperava ansioso ver subir o pano. Os espectadores moviam-se nos seus lugares; suscitavam várias opiniões [com] respeito ao merecimento do drama, e capacidade do autor, e esperavam alguns um resultado feliz, outros, um desagradável complexo de cenas. Soa o apito, todos se assentam; restabelece-se um silêncio profundo: vistas inqueridoras [sic] não deixam passar uma sílaba sem confrontá-la, uma oração que não fosse meditada, e no meio destas silenciosas observações o motim dos aplausos rompe de um lado da plateia na 8.^a cena do 1.^o ato. O público desde essa ocasião tomou todo o interesse no drama, e extasiado o vitoriou completamente, e eu mesmo não deixei de no final ser chamado à cena para receber as felicitações do generoso público Rio-Grandense. (VIANNA, 1848, n.p.)

12 Publicado em 1848 na cidade do Rio Grande, garantiu a Rego Vianna o título de primeiro autor dramático com uma obra publicada no Rio Grande do Sul (FISCHER, 2015, 63-64).

13 A revelação do nome de Francisco Frutuoso Dias aparece em nota de rodapé.

Em que pese a acolhida do público, o drama desgostou os jesuítas italianos que se encontravam na cidade e que tentaram (em vão) impedir a terceira representação, o que levou os periódicos locais a tomarem a defesa do drama, atraindo mais atenção do público à peça (VIANNA, 1848, n.p.). É também pelas páginas da peça *Os jesuítas* que se tem a indicação de que a companhia dramática chegara ao fim, com a morte de Francisco Frutuoso Dias.

Esse fato foi confirmado pelo *Sentinella da Monarchia*, jornal publicado no Rio de Janeiro, que anunciou a morte do empresário do Teatro Sete de Setembro em maio de 1847. Em seu lugar, assumiu o cantor lírico italiano Raphael Lucci, conhecido na corte por seus duetos com sua filha Carmella Lucci:

Faleceu na mesma cidade do Rio Grande o artista dramático Francisco Frutuoso Dias, de um ataque apoplético. Vários eram os pretendentes a tomar a empresa do teatro; mas os melhores empenhos estavam da parte de Raphael Lucci, que ali vive presentemente, com sua filha, já conhecida dos fluminenses, e outra mais moça. Boa ocasião é esta de arranjar-se tantos artistas italianos que não se acham a par da civilização da corte. Do teatro dramático podiam também alguns aproveitar-se da monção. (SENTINELLA DA MONARCHIA, 17 mai. 1847, p. 1)

Da nova companhia constituída e das suas apresentações, as informações são escassas. Identificamos na obra de Lothar Hessel, a partir de um jornal local, uma referência a Joaquim Augusto, ator que integrava a companhia de Frutuoso Dias:

O jornal *Rio-Grandense*, de 19 de junho de 1847, por exemplo, critica longamente a representação de *Otelo ou O mouro de Veneza*, de Shakespeare, não poupando nem mesmo ao grande ator, ao reconhecer no “Sr. Joaquim Augusto muito gênio e talento para a cena, contudo [...] pequena forças para o Mouro de Veneza”. (HESSEL, 1999, p. 68)

Dalila Müller, em sua tese sobre os espaços de sociabilidade de Pelotas, identifica uma apresentação da companhia dramática de Antonio José Areas no Sete de Abril, em 26 de outubro de 1847 (MÜLLER, 2010, p. 303). Areas também fez parte do elenco da companhia de Frutuoso Dias e, assim como Joaquim Augusto, retornou ao Rio de Janeiro em janeiro de 1849 (DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, 9 jan. 1849, p. 4). Os demais componentes da antiga companhia, que permaneceram no Rio Grande do Sul, ficaram

sob a direção do ator João Thomaz Siroulo, que agitou a cena dramática sul-rio-grandense nos anos de 1850.

Quadro 1 – Repertório da Companhia de Francisco Frutuoso Dias no Teatro Sete de Setembro, em Rio Grande

Data	Título	Gênero	Autor
12.11.1845	O almançor [Aben-Afan] ou O último rei do Algarve	drama	Serpa Pimentel
14.11.1845	Um erro ou Os remorsos	drama	[trad. do francês pelo Conde de Farrobo]
14.11.1845	A carta de recomendação ou Um por outro	[drama jocoso]	[trad. do francês por Luis José Baiardo]
16.11.1845	Os dois renegados	drama	[José da Silva Mendes Leal]
19.11.1845	Os últimos três dias de um sentenciado	[drama]	[Antonio Feliciano de Castilho]
Fins de 1845	O pobre pastor	[drama]	[Daubigny, Carmouche e Hyacinthe, trad. Luis José Baiardo]
22.03.1846	A morte de Camões	drama	[Luiz Antonio Burgain]
22.03.1846	O chapéu pardo	drama	
21.11.1846	Os jesuítas ou O bastardo do rei	drama	José Manoel Rego Vianna

Fonte: elaboração do autor

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda há muito a se investigar sobre o teatro e suas companhias dramáticas no Rio Grande do Sul do século XIX. O aparecimento de fontes primárias em formato digital, até então inacessíveis, tem jogado luz a fatos pouco conhecidos, permitindo revisitar as principais obras da historiografia do teatro sul-rio-grandense sob novas perspectivas. Esse é o caso da companhia dramática de Francisco Frutuoso Dias, que, vindo do Rio de Janeiro, atuou na província de São Pedro do Rio Grande do Sul, de 1845, ano que marca o fim da Revolução Farroupilha, até 1847, ano de falecimento do idealizador da companhia. Nesse período, a trupe representou nas cidades de Rio Grande e Porto Alegre um repertório de dramas estrangeiros já conhecidos do público da corte, mas também foi a responsável pela estreia de uma das primeiras obras produzidas e publicadas no Rio Grande do Sul, o drama *Os Jesuítas ou O bastardo do rei*, de Rego Vianna. Suas primeiras apresentações no

sul do país contaram com a ilustre presença de suas majestades imperiais, que visitavam a província em um esforço de restauração da unidade nacional. A ida da companhia dramática de Francisco Frutuoso Dias para o Rio Grande do Sul estaria associada, em alguma medida, a esses esforços?

Mesmo com o término da companhia dramática após a morte de Frutuoso Dias, muitos dos seus artistas permaneceram na província, montando suas próprias companhias dramáticas e excursionando pelas cidades sul-rio-grandenses. Em quais cidades sul-rio-grandenses se apresentaram? O repertório ainda era o mesmo, composto de dramas franceses e portugueses, ou foram incorporadas obras brasileiras? Essas e outras perguntas estão postas aos pesquisadores dispostos a se debruçar sobre a história do teatro oitocentista no Rio Grande do Sul.

REFERÊNCIAS

- A VOZ DA VERDADE. *Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional*. Disponível em: <<http://memoria.bn.br>>. Acesso em: 1 fev. 2021.
- AZEVEDO, Elizabeth Ribeiro. Ensaíadores na cena brasileira dos séculos XIX e XX. *Sala Preta*, [S. l.], v. 15, n. 1, p. 99-111, 2015. DOI: 10.11606/issn.2238-3867.v15i1p99-111. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/98256>>. Acesso em: 8 fev. 2021.
- BITTENCOURT, Ezio da Rocha. Apontamentos sobre o movimento teatral em Rio Grande no século XIX. *Biblos*, [s. l.], v. 8, p. 117-137, 1996.
- DAMASCENO, Athos. *Palco, salão e picadeiro em Porto Alegre no século XIX*. Porto Alegre: Globo, 1956.
- DESPEDIDA artística. *Revista Universal Lisbonense*, Lisboa, II, n. 35, p. 438, 18 abr. 1843. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/RUL/1842-1843/1842-1843.htm>>. Acesso em: 29 jan. 2021.
- DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO. *Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional*. Disponível em: <<http://memoria.bn.br>>. Acesso em: 1 fev. 2021.
- DUVAL, Paulo. Apontamentos sobre o teatro no Rio Grande do Sul e síntese histórica do Theatro Sete de Abril de Pelotas. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre: n. 97, p. 37-65, 1945. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/revistaihgrgs/issue/view/4059>>. Acesso em: 6 fev. 2021.
- FERREIRA, Licínia Rodrigues. *O Teatro da Rua dos Condes: 1738-1882*. 2019. Tese (Doutorado em Estudos Artísticos) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa. 2019. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10451/41781>>. Acesso em: 29 jan. 2021.

- FISCHER, Antenor. *Antologia da literatura dramática do Rio Grande do Sul (século XIX)*. Porto Alegre: FischerPress, 2015. v. 1.
- FRAGA, Eudinyr. Ensaíador. In: GUINSBURG, J.; FARIA, João Roberto; LIMA, Mariangela Alves de. (Cord.) *Dicionário do teatro brasileiro: temas, formas e conceitos*. São Paulo: Perspectiva: Edições SESC SP, 2009.
- HESSEL, Lothar. *O teatro no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS, 1999.
- JORNAL DO COMMERCIÓ. *Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional*. Disponível em: <<http://memoria.bn.br>>. Acesso em: 1 fev. 2021.
- MARTINS, Rita. As armas da imprensa em 1838: o desenhjoativo teatral vs. atalaia nacional dos teatros. *Dramaturgias*, n.12, p. 14-29, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/dramaturgias/article/view/28688/24454>>. Acesso em: 29 jan. 2021.
- MÜLLER, Dalila. *Feliz a população que tantas diversões e comodidade goza: espaços de sociabilidade em Pelotas (1840 – 1870)*. 2010. Tese (Doutorado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2010. Disponível em: <<http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/2186>>. Acesso em 6 fev. 2021.
- O RIO-GRANDENSE. *Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional*. Disponível em: <<http://memoria.bn.br>>. Acesso em: 1 fev. 2021.
- PEREIRA, Silva. Um motim theatral. *O Occidente*, Lisboa, v. XIV, n. 459, p. 214, 21 set. 1891. Disponível em: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/Ocidente/1891/N459/N459_item1/index.html>. Acesso em: 29 jan. 2021.
- RONDINELLI, Bruna Grasiela da Silva. *Lágrimas e mitos: traduções e apropriações do melodrama francês no Brasil (1830-1910)*. 2017. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/325664>>. Acesso em: 7 fev. 2021.
- SANTOS, Klécio. *Sete de Abril: O teatro do imperador*. Porto Alegre: Libretos, 2012.
- SENTINELLA DA MONARCHIA. *Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional*. Disponível em: <<http://memoria.bn.br>>. Acesso em: 1 fev. 2021.
- VIANNA, José Manoel Rego. *Os jesuítas ou O bastardo do rei*. Rio Grande: Typographia de José Maria Perry de Carvalho, 1848. Disponível em: <<https://books.google.com.br>>. Acesso em: 11 ago. 2019.

Recebido em 10/02/2021

Aprovado em 16/06/2022